

Aler^{ta}

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA LIVRE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Campo da Feira, 14-2.º



DIRETOR-REDATOR UNICO

DOMINGOS FERREIRA



EDITOR RESPONSAVEL

Fernando Monteiro

Typographia Minerva — Farnalício

SUMARIO: — Cronica, actualidades. — Carta aberta, ao Czar. — Monja (versos), *Pedro Moniz*. — A lei de 13 de fevereiro. — Pelá Umanidade, *Miguel Bombarda*. — Nós. — Arquivo Nacional.

CRONICA

ATUALIDADES

(INEDITO)

ENCETAMOS oje a nossa cronica apreciando um facto ainda recente e que mostra, mesmo com as atenuantes que sempre se inventam, o estado caótico e confuso em que se encontra a religião adotada e imposta pelo Estado.

Queremos referir-nos á rebelião dos alunos no seminario de Bragança.

Na sua simplicidade este facto póde ser o inicio de novas rebeliões e assim precipitar a queda, já quasi iminente, d'essa imensa torre de ambições, a que chamam o Catholicismo.

De facto a indisciplina nos seminarios que se encontram espalhados pelas diferentes terras do paiz, não se nota desde ontem, ou oje.

De á muito que vários orgãos da imprensa reclamam, com palavras de merecida censura, e relatando alarmantes escandalos, a atenção das autoridades superiores para a pouca disciplina, a autoridade despotica e a falta de respeito individual, que se manifesta a dentro d'esses infetos casarões, que a ignorancia do nosso povo ainda adora como um idolo da imaginação dos nossos antepassados.

Mas afinal tudo á-de ter o seu fim, tudo causa.

E, francamente, os acontecimentos no seminario de Bragança vieram demonstrar claramente que aquelas casas, criadas unicamente para ali se formarem sacerdotes dignos, estão oje reduzidas ao odioso mister de transformar em vis jesuitas caratères mais ou menos independentes, consciencias mais ou menos livres.

D'aí a fatal antipatia com que o povo á-de acolher a revelação d'estes casos alarmantes.

E, digamo-lo com sinceridade e livre de fanatismos pelo nosso Ideal: um seminario constituido nas condições dos do nosso paiz é oje inutil.

Alguem dirá que estas palavras são ditadas pela parcialidade com que sempre combatemos a religião.

Puro engano.

Está evidentemente provado que o seminario é a antitesa de uma boa escola, é o completo contraste do bom senso, e do ensino moderno.

A guerra, pois, aos seminarios, é um dever que compete a todos nós liberaes.

*

A resolução do bispo de Bragança é afinal motivo para novas discordias.

Deveras rigorosa tal resolução e completamente destituida de justiça, vem mais uma vez convencer-nos que o Catholicismo é perigoso ao progresso d'um povo e á boa administração d'um paiz.

O bispo de Bragança procedendo assim cedeu, provavelmente, a influencias elevadas que o obrigam a representar o odioso papel de tirano com mitra.

O efeito de tal resolução começa a manifestar-se. O povo de Bragança, reunido em um comicio publico, protesta contra as ordens do bispo e dá a entender que não estamos no tempo em que

os papas dispunham das nações a seu bel-prazer. Em uma representação enviada ao rei, pedem os liberaes da antiga cidade transmontana que se faça justiça aos alunos do seu seminário, admitindo-os nos cursos que até então frequentavam.

E' provavel que a representação seja mais um motivo para o povo ser contrariado. O rei, sempre em completo acôrdo com os altos magnates do paiz, não vae violar uma ordem que um dos mais bem cotados personagens da Igreja ditou, embora lhe pareça que essa ordem é um absurdo, ou o produto inconsciente d'um espirito acanhado ou despota. Emfim, é uma ordem imposta por um homem que tem um voto em S. Bento, e isso vale muito. O povo á-de contentar-se, visto a sua natural pacatez, e os seminaristas expulsos procurarão mister mais digno, profissão mais independente.

Convençamo-nos nós os que combatemos a relijião: este desmanchar de feira, esta lama de seminários, á-de afinal ser um elemento poderoso para a queda do Catholicismo, e um salutar ezepllo para abrir os olhos ao nosso povo.

Carta aberta

Ao Czar

(INEDITO)

A Rússia, o grande imperio, tão colossal em extensão territorial como em barbaridades, acaba, á ultima hora, de sair da inação desoladora e vergonhosa que até então tinha vivido.

Era inacreditavel que numa potencia de primeira ordem que se dizia civilizada fossen inhibidas as manifestações politicas-litterarias.

Aquele que devido ao seu amor pela *Idéia Nova* trabalhasse quer moralmente, quer literariamente, era preso como autor de crimes de lesa-majestade, conduzido a inabitaveis masmorras, sofrendo mil crueldades, que os tornavam cada- vericos, esqueleticos, tuberculizando-os antes de os enviar para os *steppes* siberianos, onde, desumanamente, iam esses martyres da *Verdade* e da *Justiça*, terminar seus dias.

A verdade vivia *algemada* nas prisões, a *Justiça morria* na Siberia.

Por toda a região moscovita reinava o

autoritarismo, tendo por chefe o despota, o desequilibrado Czar.

Emquanto gemiam os desprotegidos da sorte, o assassino coroado gosava á custa d'um povo fraco e boçal por Paris, talvez deliciando-se nos braços d'algunha aristocratica *cocotte*, envolvida em essencias capitosas.

Banquetes, viajens e barbaridades, que nos fazem lembrar o reinado de Luiz XV, era o lema d'um omem que, devido ao direito anti-umano da hereditariedade, tinha nas mãos a direção espirital e temporal d'um povo.

Rei-Papa!

Trono e Altar tudo em coesão.

Não temia as contra-manifestações dos seus subditos, pois todos reverenciavam-se perante a sua dupla superioridade.

Mas tu, malvado dos malvados, não esperavas que no seio dos esfarrapados enegrecido pelo trabalho ezistisse o sentimento da revolta?

Tu, cobarde, não previas que a onda da indignação, mais dia menos dia avia de incomodar-te?

Não!

Persuadias-te que a plebe ignara avia de viver sempre sob o azorrague, sob as tuas atrocidades.

Nas tuas mãos em vez de cetro tinhas um punhal, calcavas a Liberdade, rias-te sarcasticamente, do Direito e da Razão.

O sangue que durante annos fizeste verter, ignobilmente, mandando espingardear os teus irmãos, sim, pois irmãmente não és superior a nós — os sem Pão — germinou, rei maldito, o odio, a guerra implacavel.

Até oje, nós famintos, acobardavamos; mas não tens ouvido dizer, verdugo: «sangue de vencidos... germina luz!»?

Faltava-nos a *Luz*, o farol que nos alumiasse a vereda da Verdade.

Tinhamos o espirito obsecado pelas tuas funestas doutrinas.

Viviamos nas trevas, tendo por guia a ti, fantasma, apologista da *Escuridão*.

Não conheciamos o *Amanhã*. *Tolstoi*, *Maximo Gorki*, *Kropotkine* mostraram-nos o caminho da Liberdade e do Direito.

Agora, canalha, tentas vilmente assassinar esses astros que te cegaram com os raios da *Razão* que inocularam nos nossos cerebros sedentos de Luz, que sintetisa a Vida.

Os rotos, curvam-se prestando omenagem, nascida no intimo da alma, perante os apóstolos do *Bem* e da *Paz*.

MONJA

Deixa do claustro a solidão sombria,
Rasga teu véu de monja sepultada
Na imensa catacumba da abadia,
Doce pomba de amor sacrificada.

Olha p'ra além, sem vêr a madrugada,
Deixa da noite o horror, sem vêr o dia,
Deixa tua alma amar e ser amada,
Pelo clarão do amor teus passos guia.

Arranca do teu peito, sem pezar,
Esse louco terror de um Deus cruel
Que anda de lóba e te proíbe amar

Abre á luz da Verdade o coração,
Vai gosar uma astral lua de mel
Com teu amado ao seio da Razão.

(Brazileiro)

PEDRO MONIZ.

A lei de 13 de fevereiro

(INEDITO)

A indole do nosso povo, indiferente e pacato, é a orijem da rigorosa e excessiva selvajaria, em que os nossos estadistas d'oje decretam leis e punem inocentes.

A imprensa de todo o paiz, e muito especialmente a republicana, tem ultimamente consagrado artigos insistentes e inerjicos contra a vigoração d'uma lei inicua e barbara, criada por um estadista conhecido e á um tempo excluido do parlamento nacional.

A lei, criada de improviso para tranquilisar a pusilanimidade d'um omem, veio comparar o nosso paiz a esse imenso imperio Russo, oje invadido por uma terrivel e angustiosa guerra civil.

A istoria da nossa patria, fértil em descrições de guerras motivadas pela imbecilidade do poder real hereditario, devia servir de ezeplmo. aos estadistas de todos os tempos, aos omens dos partidos rotativos da nação, que um povo audacioso e guerreiro que, quasi, ditou as leis ao mundo, não consente que um omem, espirito fraco e nulo, lhe queira encarcerar o pensamento reduzindo-o á condição minima d'um escravo.

Proibir a manifestação do pensamento humano, encarcerar a ideia d'um povo, obrigar o espirito popular a professar um Ideal, — o completo contracenso das doutrinas modernas, — é elevar a tirania á mais alta culminancia do poder, é submeter a independencia mental d'um

povo á sentença brutal d'um juri imbecil e ignorante.

A lei de 13 de fevereiro, germinada em um momento de inolvidavel e covarde pavor, fez rezoar pelo paiz um grito audás de revolta, e erguer o povo em clamoroso e insistente protesto.

Nessa lei a dignidade do paiz é afrontada; a imprensa, o primeiro arauto da civilização, é calcada e obrigada ao silencio infame d'uma ordem intransijivel; proíbe a divulgação d'uma Ideia, que um espirito culto apontou como a unica perfeição social e moral do povo; reduz, emfim, o pensamento a um servo, o Ideal a uma maquina.

Detrás d'essa lei esconde-se um selvagem; a sua ditadura é o produto d'uma covardia criminosa; a criação de tal lei appareceu, simultaneamente, entre um côro de imprecações angustiosas e a satisfação orripilante d'um receio extinguido.

Não é uma lei; é um tumulto infame onde repousará eternamente a memoria putrida d'um estadista covarde.

*

Ditando as leis, como outr'ora um Nero cruel e sanguinario, o autor da lei de 13 de fevereiro tentou acalmar o receio que o apavorava, a inquietação que dominaria um ezeutor das ordens de Torquemada.

O anarquismo surjiria lá fóra como uma feliz reorganização social; mas no nosso paiz, onde a liberdade jemia agonizante, os apóstolos d'aquella Ideal seriam deportados e reduzidos á ezistencia umilhante d'um condenado.

Era esta a ideia unica do estadista aterrorizado que, imaginando extinguir um Credo que dia a dia florescia, comparava o seu nome ao de um despota, ao de um louco, ao de um covarde. E assim, a lei de 13 de fevereiro, decretada para socegar o espirito d'um omem, veio lançar na miseria, na nudez e talvez na prostituição, centenas de familias que agonizam em catres infetos, em enfermarias ospitales e enxovias orrorosas.

E' esta a apolojia d'uma lei sanguinaria, imposta por um omem que se propõe equilibrar as finanças do paiz, moralizar os costumes do povo e estabelecer leis equitativas e justas!

O povo que o julgue.

O primeiro objetivo de todo o omem sincero, oje, deve ser arrancar a mulher á igreja.

(Incedito)

CARLOS NOBRE.

PELA UMANIDADE!

DE tudo quanto existe e nós conhecemos, é o cerebro humano a maior maravilha. Até á bem pouco, ali jazia o misterio dos misterios. Oje rasgaram-se os véus, e o que surjiu, grandioso de ordenação, perfeito de entrelaçamentos, ajusta-se ezatamente ás necessidades do omem no momento atual.

O saber e o pensar ali se distribuem como numa maquina as rodas e as engrenajens. Tudo no seu lugar e tudo encadeando-se.

Aqui são os fatos de memoria visual, além as recordações do ouvido, mais longe os sinaes de movimentos e atos, e tudo se entrelaça por traços de união que formam as ideias, permitem as comparações, orijinam os julgamentos, as apreciações, as criticas. Pois bem, todo esse trabalho, toda essa função em que se condensa o espirito do omem, não nasce feito.

Faz-se, e é a educação que o faz. Será obra boa e util, se bem provermos o orgão de fatos ezatos e se bem lhe orientarmos o criterio. Será obra má e nefasta, se mal o dotarmos e mal o iluminarmos.

O cerebro, como nasce, é a tela para um bordado. A educação fará o matiz. E será coisa sublime ou coisa edionda, segundo o operario educador.

Educado com a ciencia e com o progresso, é mais ciencia e mais progresso, é a luz mesma da humanidade. Educado com as abusões e com as credices, — é o esmagamento, é o recuo, são as trevas para o espirito das jerações.

Por milhares de anos, explorações odiosas tem vindo na faina de asfixiar cerebros. Neste orgão tão tenro, tão aberto, e tão misterioso, que é o cerebro d'uma criança, instila-se toda a casta de mentiras e falsidades, de ilusões e superstições — e em nome de fantasias credices e de imaginarias revelações, poluem-no com sonhos fulgentes e terrificos pesadelos. Sonhos tudo. E tudo lá fica para a vida inteira. E a humanidade estagna, quando não recua.

Não são ainda chegados os tempos de o inundarmos com a *Verdade*?

MIGUEL BOMBARDA.

Nós

Todos os artigos publicados na «Alerta» sem assignatura, são orijinaes da redação. Não aceitamos colaboração que não seja solicitada pelo corpo redatorial d'esta publicação.

ARQUIVO NACIONAL

A todos os nossos presados colegas que se referiram ao aparecimento da «Alerta», aqui consignamos o nosso reconhecimento.

O diario republicano «O Alarme» e o semanario de Santa Comba Dão, a «Beira Alta», transcreveram o nosso artigo principal, gentileza que igualmente muito reconhecemos.

O Grafico *

Recebemos este nosso presado colega lisbonense.

Magnificamente redijido, insere artigos de incontestavel valor para a classe de que é orgão.

Agradecemos a permuta e fazemos um pedido á ilustrada redação d'aquela mensario: — enviarem-nos os 5 numeros já publicados.

Almanaque do Rejisto Civil

Recebemos tambem este almanaque, editado pela Associação Propagadora do Rejisto Civil.

Trás, como sempre, colaboração variada e repleta de interesse.

Insere tambem, muito ilucidativo, o calendario republicano.

Agradecemos a oferta.

Luz e Vida *

Com este titulo saíu á luz da publicidade, no Porto, uma excelente revista, dirigida pelo nosso presado camarada e colaborador d'esta revista Anjelo Jorje e tendo como secretario-gerente Abel Manços, o bem conhecido paladino pela nova Ideia.

O primeiro numero, que temos presente, contém uma colaboração deveras apreciavel e distinta.

Parece que os ultimos acontecimentos na Russia vieram incitar-nos á luta, pois só no passado fevereiro mais dous combatentes se vieram expôr á luta pelo Bem — *Luz e Vida*, e nós.

Erratas

No 1.º numero d'esta revista saíram algumas, faceis do leitor corrigir. Aonde se lê: «Instituição, cousa», artigo de fundo, deve ler-se: Instrução, causa, etc.

Na poesia *Montaria*: «O lobo carnicheiro, esqualido e feroz e», o *e* final está de mais; e em vez de Guilherme, leia-se: Guilërme.